

PHILOSOPHICAL METHOD*

WILLIAMSON, Timothy. **Philosophical method**: a very short introduction. Oxford: Oxford University Press, 2020.

Gabriel Garmendia da Trindade**

‘O que é a Filosofia?’, ‘Para que serve a Filosofia?’, ‘O que fazem os filósofos?’ são perguntas que todo pesquisador e/ou professor de Filosofia já deve ter ouvido e sido convocado a responder ao menos uma vez na vida – na mais tímida das estimativas. Tendo em vista a infundável exigência de explicar e, muitas vezes, justificar o campo da Filosofia, não é de surpreender que numerosos volumes continuem sendo publicados anualmente sobre os mais diferentes aspectos do trabalho filosófico. Uma contribuição recente para essa discussão é o título ‘*Philosophical method: a very short introduction*’, escrito pelo filósofo britânico Timothy Williamson (2020).

Philosophical method possui um total de onze capítulos. No primeiro capítulo, Williamson lida precisamente com as questões acerca de o que vem a ser a Filosofia e o que exatamente os filósofos buscam alcançar. Para fazê-lo, Williamson contextualiza suas observações introdutórias na concepção clássica de Filosofia enquanto ‘uma tentativa de compreender tudo’. A partir disso, pontuam-se alguns dos elementos que distinguem a Filosofia de outras áreas do saber. Tais considerações culminam em uma ponderação acerca da ideia de Filosofia enquanto método.

No segundo capítulo, examina-se a relação entre senso comum e Filosofia. Primeiramente, fala-se sobre o entendimento de senso comum enquanto ‘aquilo que a maioria dos membros de uma sociedade sabe’. Com base nisso, explora-se a tese do senso comum como ponto de partida para o exercício filosófico, bem como a tensão entre aquilo que a maioria dos membros de uma sociedade sabe e o que pensam os filósofos sobre determinada temática. Para tanto, Williamson

* Resenha recebida em 31/05/2024 e aprovada para publicação em 20/06/2024.

** Doutorando em Global Ethics pela University of Birmingham (UK). Mestre em Filosofia UFSM. Professor de Filosofia no IFRS, campus Ibirubá. Contato: garmendia_gabriel@hotmail.com.

utiliza como exemplo a questão da definição de justiça. Esse assunto é abordado por intermédio das elucubrações socráticas realizadas na *República* de Platão. Após isso, problematiza-se a conexão entre consistência filosófica e senso comum, bem como os limites do uso do senso comum na avaliação de teorias filosóficas.

O terceiro capítulo é dedicado à compreensão de Filosofia enquanto disputa de argumentos. Williamson faz uso da sessão de questionamentos em conferências de Filosofia como porta de entrada para os seus apontamentos. O período reservado a perguntas e respostas é comumente visto como o ápice de eventos acadêmicos do campo da Filosofia. Afinal de contas, é durante esse momento em que a força dos argumentos por detrás de uma tese filosófica previamente apresentada é de fato testada. Destaca-se aqui o papel crucial da argumentação para a Filosofia, assim como as duas grandes estipulações gerais que norteiam debates filosóficos, quais sejam: (A) ouvir com atenção o que o oponente tem a dizer e (B) atentar para as estruturas lógicas que dão forma a um argumento. Quando tais estipulações são seguidas, reduzem-se as possibilidades de intimidação e outras formas de argumentação falaciosa na discussão. Williamson igualmente medita sobre a prática costumeira entre filósofos de argumentar em favor de determinado ponto ao qual se é crítico para que ele seja levado a sério. O capítulo em pauta é encerrado com uma breve investigação do emprego e valor de diálogos filosóficos como representação de disputas argumentativas.

O quarto capítulo trata da clarificação terminológica na Filosofia. Williamson parte de uma apreciação inicial da importância do sentido de um termo para a compreensão adequada de uma sentença. O simples esclarecimento de um termo nos ajuda a escapar de discussões fúteis e impasses argumentativos. No entanto, Williamson alerta que a percepção da Filosofia enquanto clarificação conceitual possui certas limitações – e.g., ela tende a estimular a falsa dicotomia entre ‘compreender algo’ e ‘conhecer algo’. Finaliza-se o capítulo com um exame da diferença entre ‘conceito’ e ‘concepção’, bem como uma exposição do papel da clarificação terminológica para a construção de teorias (filosóficas e não-filosóficas) estruturalmente robustas.

No quinto capítulo, averigua-se o uso de experimentos de pensamento na reflexão filosófica. Em um primeiro momento, define-se o que é um experimento de pensamento. Listam-se também alguns dos experimentos de pensamento mais emblemáticos da história da Filosofia, tais como o Anel de Gíges de Platão, o dilema do violinista famoso de Judith Thomson, os zumbis filosóficos de David Chalmers e os casos apresentados por Edmund Gettier. Após isso, perscruta-se o colapso

de teorias filosóficas frente à articulação de bons contraexemplos. A distinção entre ‘casos possíveis’ e ‘casos reais’, assim como suas implicações para argumentos filosóficos são igualmente perquiridas. Williamson conclui esse seguimento do volume com um parecer acerca do papel das intuições na Filosofia e o impacto de vieses cognitivos e diferenças culturais na aplicação e confiabilidade de experimentos de pensamento.

O propósito do sexto capítulo é esmiuçar a prática da comparação de teorias filosóficas rivais. Williamson utiliza o debate entre materialistas e fisicalistas como trampolim para lançá-lo em uma exploração mais ampla das complexidades e nuances da comparação de teorias filosóficas divergentes. No intuito de ilustrar a multiplicidade de tratamentos que uma mesma questão pode receber por teorias distintas, expõe-se como diferentes variantes do dualismo, fisicalismo e pampsiquismo abordam o problema mente-corpo. Demonstra-se também como experimentos de pensamento e experimentos científicos podem ser empregados na determinação dos limites e alcances de teorias filosóficas concorrentes. Esse tópico revela-se como sendo particularmente significativo durante uma ponderação acerca da ocorrência de *overfitting* em teorias filosóficas – i.e., teorias que, na tentativa de responder, por exemplo, a desafios impostos por novos experimentos de pensamento, acabam se tornando cada vez mais complicadas e logicamente instáveis. Isso leva a considerações adicionais sobre a importância da simplicidade em teorias filosóficas, assim como do tema da inferência à melhor explicação.

O sétimo capítulo ocupa-se da dedução – tanto na Filosofia quanto na ciência como um todo. Disserta-se acerca da ideia de argumentação enquanto dedução, bem como da validade e da solidez de argumentos filosóficos. Discorre-se igualmente sobre a distinção entre ‘teorias de baixa força dedutiva’ e ‘teorias com demasiada força dedutiva’. Williamson debruça-se ainda sobre a abdução na Lógica e na Matemática, a contestação de princípios lógicos a partir do exemplo da lei do terceiro excluído, os limites da lógica clássica e o surgimento da lógica modal.

No oitavo capítulo, analisa-se o uso da história da Filosofia enquanto método filosófico. Primeiramente, distingue-se entre ‘história da Filosofia’ e ‘história das ideias’. Williamson é especialmente crítico da noção de que ‘fazer Filosofia’ se resume a ‘fazer história da Filosofia’, argumentando que tal perspectiva é essencialmente falha (*self-defeating*, em inglês). Polemiza-se também a ideia de ‘história da Filosofia’ enquanto ‘turismo intelectual’ – i.e., a prática de ler as grandes obras da Filosofia sem, no entanto, abraçar suas respectivas teorias. Medita-se sobre a

diferença entre ‘trabalhar um filósofo’ – i.e., especializar-se na filosofia de um pensador em particular – e aquilo que Williamson chama de ‘estilo Oxford (de fazer Filosofia)’ – i.e., ‘trabalhar problemas filosóficos’. Ademais, acautela-se acerca das visíveis limitações no trabalho de filósofos que pensam exclusivamente como historiadores e os efeitos de tal abordagem para que se alcance a melhor leitura possível de um texto filosófico. Fecha-se o capítulo com algumas observações sobre o emprego da história da Filosofia na resolução de problemas filosóficos, além de seu papel no refinamento de ideias.

O nono capítulo versa sobre a utilização de outros campos do saber em benefício da Filosofia. Aqui Williamson ruma acerca das diferentes maneiras em que conhecimentos alcançados nas demais áreas de investigação acadêmico-científica podem impulsionar o trabalho filosófico. Comenta-se, por exemplo, sobre a relevância de pesquisas em antropologia social para a reflexão acerca da possibilidade de comunicação entre esquemas conceituais distintos; o entrecruzamento da Linguística e da Filosofia da Linguagem; estudos psicológicos e a questão das ilusões, aparências e crenças perceptivas; a relação entre Economia, teoria da decisão e lógica epistêmica; as implicações de novos desdobramentos na seara da Física para a metafísica do tempo; e muito mais.

A temática sondada no décimo capítulo é a construção de modelos na Filosofia. Num primeiro momento, apresenta-se o processo de construção de modelos na ciência. Um modelo nada mais é do que uma representação simplificada – a qual pode ser de natureza física, matemática ou conceitual – de um sistema complexo – de processos, ideias ou eventos – com a finalidade de compreender melhor tal sistema. Modelos científicos são construídos para, por exemplo, averiguar a dinâmica populacional mantida entre predadores e presas, identificar e prever mudanças climáticas, realizar o sequenciamento de DNA etc. Williamson nota que a construção de modelos na Filosofia está apenas em sua infância, porém mostra-se como uma metodologia promissora. Quando empregados na seara filosófica, modelos podem auxiliar, por exemplo, na determinação de probabilidades, no entendimento da semântica em suas múltiplas manifestações (intensional e extensional), no desenvolvimento de contraexemplos etc. Williamson vê a construção de modelos na Filosofia como uma das metodologias nas quais melhor se percebe progresso filosófico.

Falando em progresso filosófico, este é um dos assuntos centrais contemplados no último capítulo de *Philosophical method*. Em suas brevíssimas elucubrações finais, Williamson

problematiza a conexão entre progresso em teorias filosóficas e progresso em métodos filosóficos. Ele igualmente reflete sobre a costumeira incompreensão – comum tanto a não-filósofos quanto a filósofos – acerca do que exatamente vem a ser a Filosofia. O pensador britânico finaliza o volume observando que, na ânsia de oferecer explicações e justificações para o trabalho filosófico, muitos acabam descaracterizando e transformando a Filosofia em algo inteiramente distinto – e.g., autoajuda, estilo de vida, psicologia popular, moralismo, literatura ilegível, lição gramatical etc. – do que ela realmente é: um método. E como qualquer outro método, a Filosofia também pode ser aprimorada e aperfeiçoada – o que se revela como uma das melhores respostas possíveis à descaracterização que a área atualmente enfrenta.

Para concluir, *Philosophical method* é um livro que talvez possa levar a desacordos. Por um lado, a obra se mostra como uma esplêndida introdução às mais variadas maneiras de desenvolver o trabalho filosófico no contexto da tradição da filosofia analítica, sobretudo em áreas tais como Filosofia da Linguagem, Lógica e Epistemologia – campos nos quais Williamson destaca-se como incontestável autoridade. Por outro lado, o manuscrito abertamente ignora a tradição da filosofia continental – o que acaba, em última instância, manifestando-se em uma apresentação unilateral e incompleta do que vem a ser de fato o trabalho filosófico. Pior ainda, áreas inteiras nas quais a própria tradição analítica exerce uma profunda influência, como é o caso da filosofia prática contemporânea, são deixadas de lado para que se examine um maior conjunto de tópicos de filosofia teórica. Por exemplo, as limitadíssimas incursões realizadas por Williamson no reino da Filosofia Política e Ética ao longo do volume são, na melhor das hipóteses, simplórias e, na pior delas, filosoficamente vazias. Com isso em mente, possíveis leitores fariam bem ao adentrar às páginas de *Philosophical method* tendo igualmente em mãos outros títulos – por exemplo, da própria coleção *Very short introductions* – que contemplem os temas não abordados no texto de Williamson. Se assim for feito, a leitura de *Philosophical method* certamente poderá nos encaminhar ao progresso filosófico tão estimado e almejado.